

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 60

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1904

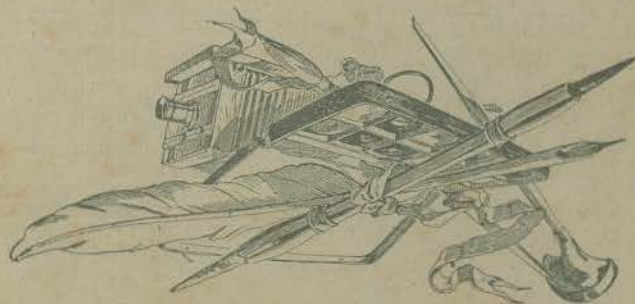
É prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno..... 6\$000
Semestre..... 4\$000
Trimestre..... 2\$000

Brazil
Anno..... 52\$000 moeda fraca
Semestre..... 30\$000

Territorios da união postal
Anno..... 10\$500
Semestre..... 5\$300



Agente em S. Paulo

A. S. Jorge & Comp.
Charutaria Lealdade
Rua S. Bento, 35-A

LISBOA

Empresa do jornal "O SECULO,"

43-RUA FORMOSA-43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA-LISBOA

PATISSERIE BENARD
104, Rua Garrett, 104 LISBONNE

BEBAM SÓ O CHAMPAGNE
Moët & Chandon
da colheita de 1898

Empreza Vinicola WENCESLAU
Successores FONSECA, COSTA & C.
São os melhores vinhos de mesa conhecidos.—Telephone n.º 907
Praça de Luís de Camões, 20

SAPATARIA PARISIENSE
DE
Eduardo de Sousa
Calçado de todas as qualidades
55, R. de Santa Justa, 57

Automóveis Peugeot—São os desta marca os mais numerosos em Portugal, demonstrando assim a sua superioridade incontestável.—A. Beauvau & C., fornecedores da Casa Real e representantes exclusivos.—Palácio Foz — Lisboa. 96

ELYSIO SANTOS & C.ª
Mobília e estofos
Olados para estrados, carpetes, capachos de cabo e de arame, passadeiras, etc.
83 a 93, Rua Augusta, 83 a 93

BUCELLAS HOCK
Sandeman
E' o melhor vinho branco

Kermesse de Paris
Completo sortimento de brinquedos. Objectos de novidade para brindes, perfumarias e varios artigos de utilidade. 128
Rua do Principe (Avenida Palace)

SE QUERREIS
empregar bem o vosso dinheiro compra sempre na loja UTILIDADES José Braga & Companhia.
Rua do Ouro, 180, 182 — Lisboa.

Chronometre ZENITH
O melhor relógio em ouro, prata e aço.
A venda em todas as relojoarias.
Novidades em chapéus de senhas e crinças
N.º 90
Preços resumidos.—J. J. S. Segurado
distribuem-se todas as encomendas para a provincia.
Rua de Carmo, 5 e 7—Lisboa

CANDIEIROS Electro-acetylene
GRANDE NOVIDADE
104, Rua do Arsenal, 104

RELOJOIROS
A. J. D'OLIVEIRA & C.ª
Palácio Foz
Praça dos Restauradores, 31

FABRICA DE LUVAS
Campanella & C.
Especialidade em luvas de corte inglês. Luvas impermeáveis.
Rua do Carmo, 71

Material de Electricidade
Gaz e Agua
Ha sempre em deposito, encarregando-se de installações completas de luz electrica, ventiladores, campainhas, telephos, pees agua e gaz; montagens de electro-motores para mover molinos de café, tendo um consumo muito economico. Ha sempre em deposito lampadas para todas as voltagens.

JOSÉ VICENTE RIBEIRO
Electricista da casa Cordeiro & Pilar
26, Travessa de S. Domingos, 28, loja LISBOA

Espingardaria Central de G. Hector Ferralva.
Armas para caça e tiro ao alvo dos melhores fabricantes.—Montes de 1.ª qualidade.
3, Largo do Cambes, 3

Não ha ninguem que apresente bilhetes postaes de mais fino gosto, de maior e mais completa variedade, e venda mais barato, que a casa **SOEIRA da Rua do Arsenal, 104—Lisboa.**

OURIVESARIA e relojoaria
FLORINDO
COM
Officina annexa
90, RUA AUREA, 90

SILVA CARVALHO
(PHARMACEUTICO)
46, Rua de Santo Antão, 52
Completo sortimento de cintos elasticos, fundas, artigos para penaos, esterilizações, etc., etc.
Especialidades nacionaes e estrangeiras, aguas medicinas, perfumarias, etc. 128

Os unicos seguros de vida
COM SORTHO são os da «Equitativa» dos E. U. do Brazil

Centro Colonial Typographico
Rua da Conceição da Gloria
Trabalhos em todos os generos.
Preços resumidos

Trabalhos á machina de escrever
Copias perfectas de qualquer documento.
Empreza Correspondencia Commercial
Rua Aurea, 146, 3.ª

Talheeres de christofle
E mais artigos para mesa
JOSÉ ALEXANDRE
Rua Garrett, 9 a 18

Espelhos e vidros polidos
da Fabrica de S. Galvão
MARGOTTEAU FERREIRA & C.ª
26, Rua do Carmo, 26

SANTOS CAMISEIRO
Roupas: brancas para homens
24, ROCIO, 25

Vaccaria Camões
Leite puro de vacca mingido ou fervido, proprio para crianças e doentes.
Envidese aos domicilios.
14, Praça de Luis de Camões, 14

V. RING & C.ª
LIMITADA
Caambo e papéis de credito
Praça do Municipio, 1, 3 e 7
Rua do Arsenal, 41 e 44

VIZELLA
Artigos de retropel, modas e perfis
78, Praça de D. Pedro, 86

AMPLIACOES PHOTOGRAPHICAS em Paris
Por intermedio da AGENCIA PHOTOGRAPHICA
Preços e expozições.
Rua Aurea, 146, 3.ª

BA CALHAU
Por grosso e miúdo a preços muito resumidos, vende-se no armazem da
R. Nova de S. Domingos, 34

Papelaria Progresso
M. A. BRANCO & C.ª—Sortimento completo dos papéis nacionaes e estrangeiros.
151, Rua do Ouro, 155—LISBOA

JOSÉ FELICIANO ALVES D'AZEVEDO & C.ª
PHARMACEUTICOS
Depositos de drogas, productos chimicos, pharmaceuticos e accessorios
Depositarios dos productos do dr. MOUTON

ARANHA & C.ª
Modas e confeccoes
Envoyes completos
Secção de roupas brancas para homens e senhoras.
272, Rua Augusta, 270

Um brinde delicioso
MOUSSEUX
(Champagne)
Só na Rua Nova do Almada, 86, 90
podeis comprar um brinde agradável, fino, saboroso, bom e BARATO

ARMAZEM DE VIVERES
de José da Costa
Telephone n.º 1095
73, Rua do Carmo, 73

FABRICA D'ITALIA
CHAPEUS para senhoras e crianças
V. FOMBERG
83, Rua do Carmo, 83 — LISBOA

Pitta, Camiseiro
195, Rua Augusta, 197

RETROZARIA
DAVID (SOBRINHO)
Sempre as mais recentes novidades
76, Rua Nova do Almada, 76

privilegios e registos de marcas
MACHADO DA CRUZ
AGENTE OFFICIAL DE MARCAS E PATENTES
PRAÇA D. PEDRO (ROCIO), 3, 1.ª

Officina de Torneiro e Serralheria
Mechanica
de ALFREDO ALVES, constructor mechanico, encarrega-se de montagens e reparações de machinas de vapor e motores a gaz, machinas typographicas, debulhadoras e outras machinas agricolas, etc., etc.
19, Rua do Arco a Jesus 19

Vieira da Silva ALFAYATE
Pasmadas e artigos de luxo para homens
PALACIO FOZ
Praça dos Restauradores, 28 e 29

COLCHOARIA
de Viuva Germano Quintão
PREÇOS LIMITADOS
Rua Serpa Pinto, 50

Pão para diabeticos
do Dr. Charrasse, de Marsella
Puro milho.
DIAS
Rua Garrett, 76 e 78

Pastelaria Marques
Almôços todos os dias das 10 as 2.
Fornos janicos, lanchas e sobras.
70, Chiado, 72 — Lisboa

NOVA PEKIN
CHÁ E CAFÉ
Venda a grosso e a retalho
Especialidade em artigos de mercaria.
Largo de S. Domingos, 5, 6 e 7

VIUVA
Thiago da Silva & C.ª
ESTA BELECIMENTO de ferragens nacionaes e estrangeiras
94, Praça de D. Pedro, 96
Officinas de serralheria, dourador, metaes e nickelagem
Rua de Santo Antão, 2-A

RELOGIOS
dos melhores fabricantes.
Relojoaria Botelho
RUA DO OURO
junto á esquina do Recife

Pastelaria Raymundo
Especialidade em frutas, doces d'ovos, biscoitos secos, bunsões, chocolates, coquas, vinhos e licores nacionaes e estrangeiros.
Fornecem-se lanches e sobras.
26, Praça dos Restauradores, 26 LISBOA

MUITO BREVE — PANDRAMA DA PALESTINA

FRANCISCO RAMOS LISBOA
1, Rua de Santo Antão, 5, (ao Rocio)—17, 18, 18-A, 18-B, Largo do Regedor, 19, 20 e 21, (ao Theatro de D. Maria)
Estabelecimento de ferragens, talheeres, metaes brancos, ferramentas dos melhores fabricantes, louças esmaltadas e estanhadas, francezas e inglezas
GRANDE SORTIDO EM TUDO O SEU GENERO. IMPORTACÃO DIRECTA
PREÇOS EM COMPETENCIA COM AS PRINCIPAES CASAS

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA
CORRETOR VIRGILIO DA COSTA
Escriptorio — Rua de El-Rei, 112 e 114

O SEculo NUMERO DO NATAL
Publicação de luxo feita nas officinas d'O SEculo. Gravuras a cores pelos processos mais modernos. PREÇO **200 RÉIS**
Está a venda em todas as livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa e Porto, e em todas as agencias d'O Seculo, nas provincias, Africa e Brazil.

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographia, zincographia, stereotypia, typographia e impressão— Rua Formosa, 43— LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1904

NUMERO 60



A SENHORA DUQUEZA DE PALMELLA

Pela chegada de S.S. MM. foram distribuídas 2000 senhas das reuniões económicas ao poble, que assim encontraram um momento de conforto. A obra das reuniões económicas, uma das mais nobres que a Caridade tem levantado em Portugal, é toda da iniciativa da senhora duquesa de Palmella, afflicta alma de artista, feita de bondades e de altruísmo. No palacio de Bateon 7 a illustra-tor titular reside e a que Eça de Queiroz se refere no seu bello livro a *Correspondencia de Fradique Mendes*, os pobres encontram sempre uma desvelada protectora e os artistas um espirito fido para se ouvir, uma para rolar para os conselhos. A senhora de Palmella é uma das mais nobres do reino. Pelo decreto de 1 de Junho de 1835, D. Pedro de Sousa Holstein, em reconhecimento das serviços prestados ao pais, foi creado duque d'aquelle titulo. Companheiro de D. Pedro IV nas luctas

liberadoras, diplomata d'um valor enorme, o avô da senhora duquesa Eca na historia patria como um dos seus grandes varões. Em abril de 1801 a senhora duquesa casou com o sr. Antonio de Sampaio e Pina de Rochedo, o actual duque de Palmella, cujos meritos são tão conhecidos e celebrados e que como official de marinha foi a campanha de Balaço ao serviço da Inglaterra e foi o querido companheiro do fallecido rei D. Luiz durante o tempo em que aquelle soberano ainda viajando como official da marinha portugueza. O senhor duque de Palmella deixou o serviço quando D. D. Luiz, subindo ao throno, o comou um afluente e mais tarde commandante da Guarda Real dos Alcaideses. Com o foute, além nobre, o senhor duque de Palmella é, com sua esposa, o amparado de muitos desvalidos.

CHRONICA

Não matar.

Começaram as férias grandes que solemnizam o nascimento do Christo, d'esse rabbi cuja lei manda trabalhar o homem durante seis dias para descansar ao sétimo, perdoar aos nossos semelhantes, e muitas outras coisas, entre ellas não matar!

Mas na semana anterior áquella em que a Igreja festeja o nascimento do Christo, houve uma revolução no seminario de Bragança, a qual foi laceradamente transmittida em telegrammas, nos quaes se dizia terem fugido de paradisíaca maneira o reitor, alguns professores, um sacristão e um prefeito, como se o demónio tivesse entrado no seminario e anichado a sua sujeição nas almas — os seminaristas tão purificadas pelas confissões, pelos jejuns, pelas formulas rituales, pelo pensamento alto que deve presidir a todas as acções dos ecclesiasticos.

Sem duvida que foi uma tentação do inimigo essa revolta, a qual demonstra apenas duas coisas: *primo*, ou os seminaristas não aproveitaram as lições dos mestres que aconselham a bondade, o carinho e a ternura, isto porque não foram bem ensinados, pois só assim se comprehende essa falta d'aproveitamento; *n'uma casa toda de modelar instrução*; *segundo*, realmente o porco srjo tentou es-



OS FESTEJOS NA CHEGADA DE SS. MM. — O CORETO DO ROCHO

mar os seus discipulos, vão purificar os corpos com um banho d'agua benta e as almas com alguns troços de *Manual christão* e cheios de perdões e deveras convencidos da sua falta de vigilancia, do seu erro, do seu peccado em não pensarem que o diabo as tece, guardarão para o futuro os seminaristas de tentações e fecharão bem todas as portas por fóra, isto para que o diabo não se metta a padre e para que suas reverendissimas não tenham que soffrer, não os ataques ás suas pessoas, porque o martyrio agrada a Deus, mas a tortura moral de ver em um rebanho de futuros sacerdotes procederem como se fossem rapazes das Montanhas! E de porta fechada salvarão com os corpos a honra do convento!

ROCHA MARTINS.



OS FESTEJOS NA CHEGADA DE SS. MM. — O CORETO DO LARGO DE SANTOS

sas almas bem formadas por mestres escolhidos, to das virtude e sã doutrina.

No primeiro dos casos reclama-se o castigo dos mestres, no segundo alguns litros d'agua benta para um exorcismo.

Os seminaristas de Bragança, esses transmontanos rudes que dão os padres rijos e que da cruz fizeram agora gloria, de maneira alguma pôdem ser punidos, apesar da Igreja mandar castigar os que erram.

O erro n'este caso foi dos mestres a admitte-se a versão de que Satan, na semana anterior ao Natal, com aquelle feito vingativo que se lhe conhece, não entrasse no seminario armado de todos os seus attributos e se fosse esconder debaixo dos leitos a segredar:

—Acabem lá com os mestres!... mostrem que são homens!

Ainda n'este caso ha um castigo a pedir ao bispo da diocese para esses sacerdotes que tão mal acantelaram do cão tinhoso as limpidas ovelhinhas do seu rebanho sagrado, essas creanças doces, todas de ternura, chamadas para a vida ecclesiastica pelas vozes dos anjos que tam em decerto lhes segredaram:

—Ide a fazer o bem!... Só assim ganhareis o céu!

E elles, que para aquella casa foram na esperança de ganharem um logarzinho nas abobadas, entre as onze mil virgens, junto dos archanjos, de viverem lá pelas alturas como outras tantas estrellas de brilho puro e de seis pontas, entraram ali e soffreram a tentação do demónio!... Isto

prova que foram iludidos ou pelo menos mal guardados!

Decerto ninguém acredita que rapazes educados sob uma regra severa como é essa do seminario de Bragança e de todos os outros, habituados á obediencia e ao estudo, tendo lido na Biblia grandes exemplos de humanidade e ouvido das bocas dos mestres os mandamentos, fossem agora, sem serem victimas d'uma forte tentação, arrombar as portas, ragnuerridos o feros, de machados em punho e com coelaras na bocca tentar contra um d'esses mandamentos: não matar.

Não resta duvida alguma, tomol-o quasi e demonstrado, de que essa revolta partiu d'esses dois principios e não pôde ter outros: ou a má educação, o que não acreditamos, ou então o demónio a fazer das suas!

Por isso sem duvida de novo os mestres vão cha-



OS FESTEJOS NA CHEGADA DE SS. MM. — O CORETO DO LARGO DO MUNICIPIO



Sr. HENRIQUE PINTO BRANDÃO
Secio da fabrica de conservas de Espinho,
cujos operarios lhe honrosos e prestis-
simos por exercicio dos temporaes.



A EGREJA DE ESPINHO COM O LADO ESQUERDO DERRUCIDO.



Sr. AUGUSTO OLIVEIRA GOMES
Administrador da Espinh.



UM CHALET NA RUA ALLIANÇA APÓS OS TEMPORAES



A NOVA EGREJA EM CONSTRUÇÃO



A EGREJA DE ESPINHO
COM A FRENTE DERRUCADA PELO MAR



A EGREJA DE ESPINHO COM O LADO DIREITO DERRUCIDO



A QUEDA DE UM CHALET NO LARGO DE NOSSA SENHORA D'AJUDA

OS TEMPORAES NO ESPINHO

Continuaram os temporaes em Espinho e foram derrucados varios predios, entre elles alguns da rua d'Alliança e um chalet pertencente ao proprietario da Casa das Alimbas de Porto. O sr. Oliveira Gomes, a frente dos operarios da fabrica de que é socio e no seu cargo d'administrador de cunha, obrou yardieiros prodigios, dirigindo os trabalhos de aterro e da demolição, sendo o primeiro a lançar-se para os pontos de maior perigo. A este senhor e ao sr. Pinto Brandão se deve

o não haver desastres piores a lamentar. O mar, crescendo sempre, ruiu as paredes, as avançadas e estas respaldam os operarios capitaneados pelos dois benemeritos, salvando mobilizarios, ajudando as fôrças e por fim carregando terra para as obras de aterramento.
Assa trabalhadores dedicados da sua fabrica e aos seus proprietarios muito deve o Espinho, que vai eleger o sr. Pinto Brandão para presidente da camara municipal.



A CHEGADA DE SUAS MAGESTADES EM 20 DE DEZEMBRO DE 1904 — O CORTEJO NO LARGO DA ESTAÇÃO

Reúne com o theatro de D. Maria formava o batalhão do Real Collegio Militar, regimento grãci, ala d'esperanças. Logo a diante o corpo de marinheiros d'armada, e a seguir as tropas da guarnição. No alto a infantaria da guarda municipal, com um effectivo de 900 homens, apresentava-se maravilhosamente, formando um lindis-

simo conjunto, com os penachos brancos e com as armas lustrosas na ponta do sol da tarde. Quando Suas Magestades ascenderam á porta da esta.ão, alguns alarinos de lyren, estenderam as raias, sobre as quaes Suas Magestades passaram ao som das musicas e das acclamações, dos vivas que algumas pessoas soltara. Na extrazem-

real tomaram logar, com os reis, sua alicza e príncipe real e infante D. Manuel, e logo o cortejo se poz em marcha por entre as alas da tropa que formava ate ás Nervasidades. Os regimentos de cavallaria e de lanceros escultavam as carruagens e, durante todo o trajecto, as magestades foram saudadas pelo povo, que enchia as ruas.



A PASSAGEM DA RAINHA BEATRIZ D. MARIA PIA



A CEGADA ÀS NECESSIDADES — CARRUAGEM DOS SOBRERAZO



O COMANDANTE DA DIVISÃO, OBSERVAI CHAVEIRO LOPES—A ESCOLA NAVAL NA FORMATURA—A ESCOLA DO EXERCÍCIO E FORMATURA



O BATALHÃO DO REAL COLLEGIO MILITAR



A BANDEIRA DO COLLEGIO MILITAR

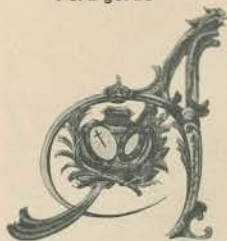
A CHEGADA DE SUAS MageSTADES — DIVERSOS ASPECTOS

Entre todas as manifestações da chegada de S. M., a mais interessante foi sem dúvida a do aspecto das tropas e das escolas militares. De abem as faixas da Escola do Exército, como da Escola Naval formavam um largo das Necessidades, apresentando as maravilhosas n. As ruas cheias de animação, com as tropas e com o povo, as bandas de música, tudo isso deu um grande brilho à

entrada das reis na capital do seu reino. Para mais prolongarem os festejos, torcendo diversas f. fando de música por círculos para esse fim armados no Rio, no largo do Município e em San 1. lre e havendo Honrificações em todos os quartéis e edifícios públicos.

AS LOTERIAS

A Sorte Grande — A Misericórdia — Pregoeiros e andarilhos — As duas rodas — O Perú gordo



AS ARMAS DA MISERICORDIA

de Josaphat, na derradeira tarde do orbe, quando Deus, entre outros planetas, chamar os mortos para o premio e para o castigo e quando, com a sua voz augusta, mais forte que o bramir dos oceanos, outo revoltos, mais resonante que a trombeta do Juizo Final, chamar para junto de si o bom entre os bons: O Supremo Eleito!

E esse será o que apanha o premio gordo n'esse ultimo desandar da roda, será elle o feliz que ninguém se atreverá a invejar, porque elle egualará o proprio Omnipotente como os que recebem os grandes premios nas loterias do mundo quasi se egualam aos soberanos.

O mundo é uma bola, diz-se, mas a fortuna são dois, ao que se vê ali na casa da Misericórdia nos dias em que anda a roda e sobretudo por este mez do Natal, tão legendario e Bo Frio, tão agreste e tão recheado. Sempre andaram as rodas ali em n'essa velhissima Misericórdia, que á força de ter piedade dos fracos a quem dava protecção, dos doentes a quem dava carinhoso consolo, e mesmo dos criminosos sobre os quaes em

gratos. Era o começo da Sorte grande para uns e dos bilhetes brancos para outros.

Os filhos dos ricos perdiam com essa entrada ali o direito ás grandezas, os dos pobres ganhavam por se egualarem e porque não concebiam a miseria.

Essa foi a roda que fez desventurados uns e felizes outros, exactamente como a roda d'agora, como essa d'ua e espheras que giram lentamente e que tantos sobresaltos geram, desde o anno de 1783 em que se instituiram até aos nossos dias.

Antigamente os lucros da loteria eram applicados aos Expostos, ao hospital e á Academia das Sciencias, como n'uma ironica maneiira de dizer que os poetas e sábios muito de engeitados e de doutos tinham agora esses lucros vão para os estabelecimentos de beneficencia e não ha um ceitil para a Academia, apesar dos poetas não terem ainda enriquecido.

E á prova que elles não enriqueceram é que por este

Natal, alguns do nosso conhecimento deixaram de pôr cordas nas lyras que bem precisadas d'ellas estavam, compraram o seu vigesimo e foram metter-se além na sala das loterias, entre essa anciosa multidão de jogadores, aguardando a sorte com mais fervor do que a inspiração.

De resto todo esse publico que além se juntava, gente de todas as camadas, tinha no olhar a mesma ancia e nos dados o mesmo tremor nervoso, nos rebros o mesmo desejo e nas pernas o mesmo formigueiro desde que se habilitara com a sua cautela.

O jogador da loteria é sempre um sebastianista, já pela fé, já pela esperança, já pela maneira perseverante d'a-



OS ANDARILHOS

uma voz qual era o numero da sua cautela, elle respondia?

— Nenhum! Mas quando Deus quer pode muito.

Mas mais finos no numero do que no proprio Deus, os espectadores da sala da loteria n'esta ultima semana juntaram-se, encheram o largo da Palmatoria, irradiaram as dependencias da Misericórdia e d'ouvido á escuta e d'olhos bem abertos seguiam todos os movimentos e escutavam todos os rumores que vinham d'além da tela, d'esse lugar onde as espheras giravam e d'onde os vozes dos empregados se erguiam já não pachorricamente como de habite, mas com um certo tremor, com um vago receio, como se tambem estivessem habilitados.

Logo ás 11 horas se encheu a sala e começou a affluir gente no largo; os andarilhos, como torceis arabes, de pernas nervosas e ovidos finos, punham-se a postos com os seus ares de creaturas empregadas em annun-



A VELHA RODA DA MISERICORDIA, SEGUNDO UM QUADRO DE RODRIGUEZ

epocas remotas estendia o seu pendão onde a cruz estava sob a coroa, chegou ao maximo da caridade, no maior dos beneficios: fazer alguns ricos por anno!

Antigamente a roda da Misericórdia era bem differente, consistia d'uma abertura n'uma parede, rotunda, lá dentro um brego que girava, por baixo uma caixa de esmolas e uma phrase em que se podia com o obolo Ave Marias. E era ali que pelas noites, no maior socego das horas, quasi sempre tarde, bem tarde, as mulheres iam embriacadas e de corações aos saltos largar os filhos, para encobrirem faltas ou para que elles não morressem de fome.

Foi assim que ali se juntaram esses engeitados, uns nascidos de casas principaes que guardavam sob o uniforme que lhes chancellava o abandono a gratidão pela casa protectora, outros fillos da gentinha que se egualavam com o abandono aos outros e com elles foram

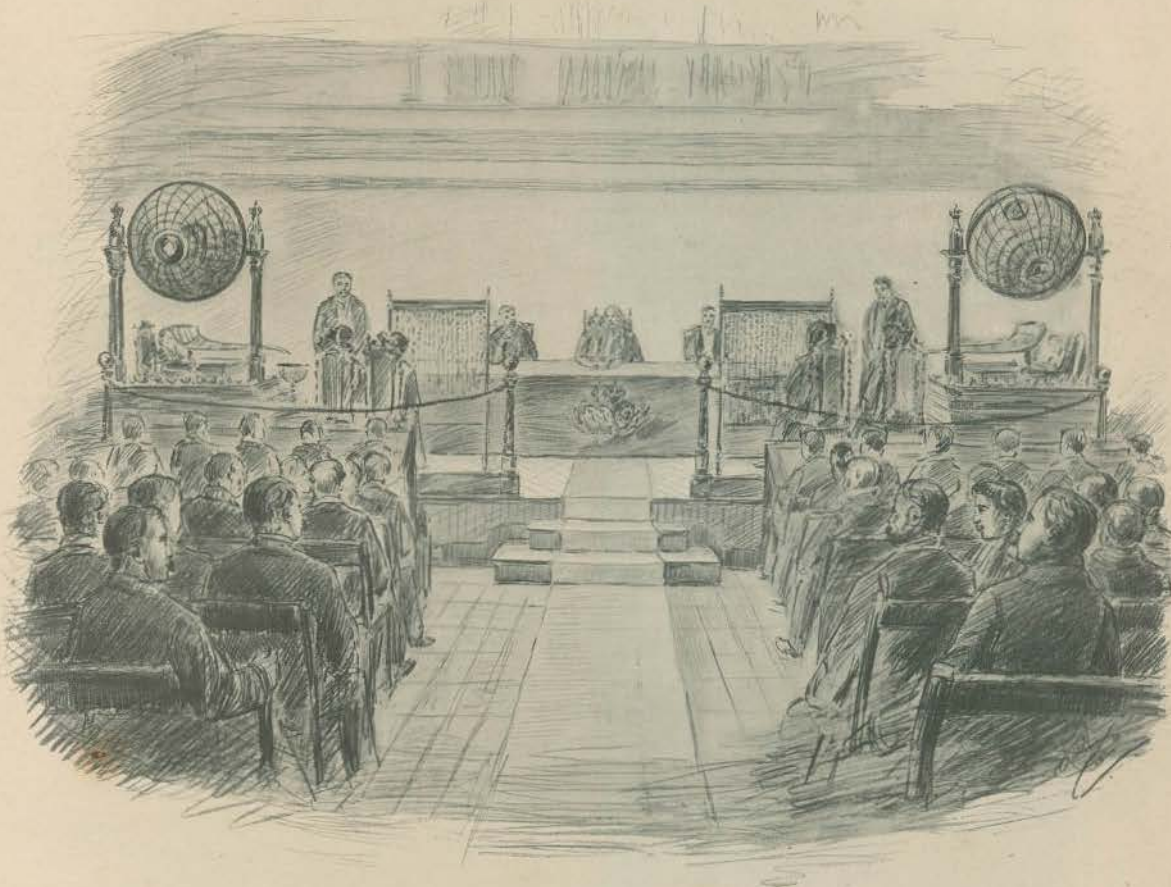
guardar um dia o premio, o numero feliz, aquelles que os cambistas mandam pintar em lettras do palmo e meio nos dias em que despejam as poetas cartilhas de arcaica encarnada como se tivessem lá dentro um arcaial.

Ha por ali gente que espera a sorte grande mesmo: sem comprar cautelas como aquelle moço de fretos que se punha á porta da Misericórdia, murmurando:

— Deus queira que me saia! Deus queira que me saia! Quando lhe perguntaram



OS QUE DETESTAM OS PREMIOS



O ASPECTO DA SALA DA LOTERIA NNO DIA DA GRANDE EXTRAÇÃO

clar nos outros a fortuna a troco d'uns tostões. Naquelles garotos, de pé descalço e barrete á banda, vivos e ladinos, flores do asphalto que de tudo fazem uma industria, ha como a aureola e como a ligeiroza d'uns anjos: a aureola é o ouro da sorte grande, a ligeiroza a das suas pernas fortes que os fazem virar nos cambistas para lhes terrarem da porta:
— E' de cá... E' de cá!... E' o numero tal... A *Talada!*

A *Talada* vin-se a sair das espheras diante de toda aquella gente. Havia caras espantadas, outras cheias de allucinação, algumas ferozes, outras deformadas: quasi todos os olhos brillavam como a uma embriaguez do ouro que d'alli ia sair, quasi todas as boccas se escancaravam como se já aguardassem nacos de peru gorde e donardo, todos os corações batiam e o seu eco chegava ao largo da Misericordia. Como se uma corrente electrica ligasse toda aquella gente, adivinhavam-se os tremores, como se estivessem sobre pilhas saltitavam. E durante uma hora ou duas, pelas repartições, pelas Bancas, pelas lojas, nos quartéis, nas egrejas, nas redações, nas provincias, nas colonias, nos leitões d'amor e mesmo recebendo a extrema unção, todas as pessoas habilitadas viverem na agitação, existiram como maniacos a interrogar-se:
— Que numero? Que numero será??

E o numero foram os andarilhos disolo na sua galga da doida pelas escadilhas do Duque, foram atroar com elle a cidade, fazendo mais ruido do que uma grande bomba a explodir no centro da Baixa e a abalhar a derrubá!

De anno para anno a loteria augmenta, chegando a attingir lucros fabulosos. E indo isto em duas espheras se goza o se desenvolve, além á vista do espectador, n'uma exhibição sem egual no paiz, fazendo em horas



EM JOGADOR A ACEBRINO

viver-se vidas e olhar-se cada um dos homems que lá estão dentro como sores muito superiores de cujas boccas vem, como dos labios d'um Deus, a ventura ou a desdita!

Para que se animasse a loteria nacional foi prohibida a importação do jogo estrangeiro, augmentou-se o premio da nossa, cultivou-se isto como a uma arvore de patacas e chegou-se hoje ao resultado do paiz inteiro se interessar muito pela Misericordia.

Os aspectos d'essa sala e d'esse largo com mulheres e homems, gente de todas as posições, de todas as classes, bem demonstraram essa interesse na ultima quinta feira em que tantas esperanças se finaram.

Quando lá de dentro saiu a turba e n'um brado se disse o numero premiado, houve um verdadeiro tumulto, houve como um panico e como uma ventura, a voz humana teve ali todas as suas modulações desde as mais asperas ás mais macias, os rostos marcaram todos os sentimentos, as boccas clamaram e o publico destrozou só quando viu fechar as portas como a dizerem-lhe:
— Voulham cá para o anno!... Por este estamos prontos!

Toda aquella gente retirou, n'um arrastar do pés, como na Semana Santa pelas ruas de mais transeito, e ainda havia rostos que se voltavam como o esperassem ter havido engano no numero anunciado.

A Baixa entristeceu, passaram mais melancolicos os lisboetas e até os perús caminharam mais cabalhoicos as verbasadas dos homems furiosos por terem ficado sem a sorte grande; ou talvez fossem assim tristonhos porque buscassem emmagrecer pela melancholia, não deixando nenhum d'elles ser o *perú gorão* d'essa loteria da degolla que os aguarda, d'essa roda que desanda e os faz ir para as mesas dos felizes a quem ao menos saiu o *mesmo dinheiro* ou que em vez do vigesimo do liberaram comprar as patacas para as quaes ainda não se inventou a *misericordia!*



A CHEGADA DE SS. MM. A «GARE» DO ROCIO EM 20 DE DEZEMBRO

A volta da viagem a Inglaterra e França, suas majestades chegaram à gare do Rocio pelas 11 e meia horas da tarde de 20 de dezembro, sendo entusiasmamente recebidos. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa foi a SS. MM. uma mensagem felicitando as augustas personagens pelo seu regresso, e a que S. M. o rei respondeu nos seguintes termos: «Recebo com muito prazer

as felicitações da Câmara Municipal de Lisboa pelo meu regresso e de S. M. a rainha. Foram-me extremamente gratas todas as demonstrações de amizade com que SS. MM. os reis da Grã Bretanha, Imperadores das Índias, e a seu povo nos receberam e com as quais entendi o meu dever de arbitragem que mais veio estreitar ainda a nossa antiga e tradicional aliança. Muito agradáveis

me foram também as provas de affecto do Presidente da Republica e da nação franceza, durante a nossa curta estancia n'aquelle país. Se a viagem agora concluida conservar no meu coração gratas recordações, grande é também o meu jubilo pelo regresso a patria, que tanto me deu a saudade sem reis e a profunda alegria que sinto pela certeza de que todas estas provas de consideração

vão o salutar, que o foderam também para o meu povo, e por este apreciadas na mais alta conta como n'ò. Instancia a m. mensagem da Câmara Municipal de Lisboa. Seguiram-se logo os cumprimentos officiaes e SS. MM. d. associam a escaadaria seguiu os assistentes até a larga porta da estação do Rocio.



O GENERAL AZCARRAGA, NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO



O GENERAL POLAVIEJA, CHEFE DA CASA MILITAR DO REI



O EX-PRESIDENTE MAURA DIRIGINDO-SE AO PALACIO REAL

(Phot. de D. Manuel Assunção da Silva)



O GENERAL AZCARRAGA SAHINDO DO PALACIO DO ORIENTE

A CRISE MINISTERIAL EM HESPAHHA

A crise ministerial do país vizinho foi motivada pela escolha do general Polavieja para chefe do estado maior do exercito. Maura, o ex-presidente do conselho, basta saber que se demittiu, sendo logo nomeado para esse cargo de confiança o general Lora. A honra XIII impunha o chefe da sua casa militar e logo se travou uma dissolução entre o rei e o seu ministro. O gabinete demittiu-se e foi encarregado de formar novo governo o general Azcarraga que o mal gerencia pelos elementos li-

ber. O general teve difficuldades em formar gabinete, mas ao fim de dois dias conseguiu encarregar das diversas pastas os srs. Vallillo para o reino, Ugarte para a justiça, general Villar para a guerra, Aguilár-Campo para os estrangeiros, Laciere para a instrução, Cardenas para a agricultura, almirante Viegas para a marinha.

O general Azcarraga é presidente do Senado e foi-lhe conferido o Tostão d'Ouro.



ECCOS DA VIAGEM REAL — O REI SEGURANDO UM CAVALLO DESEMPREDO EM REGENT STREET

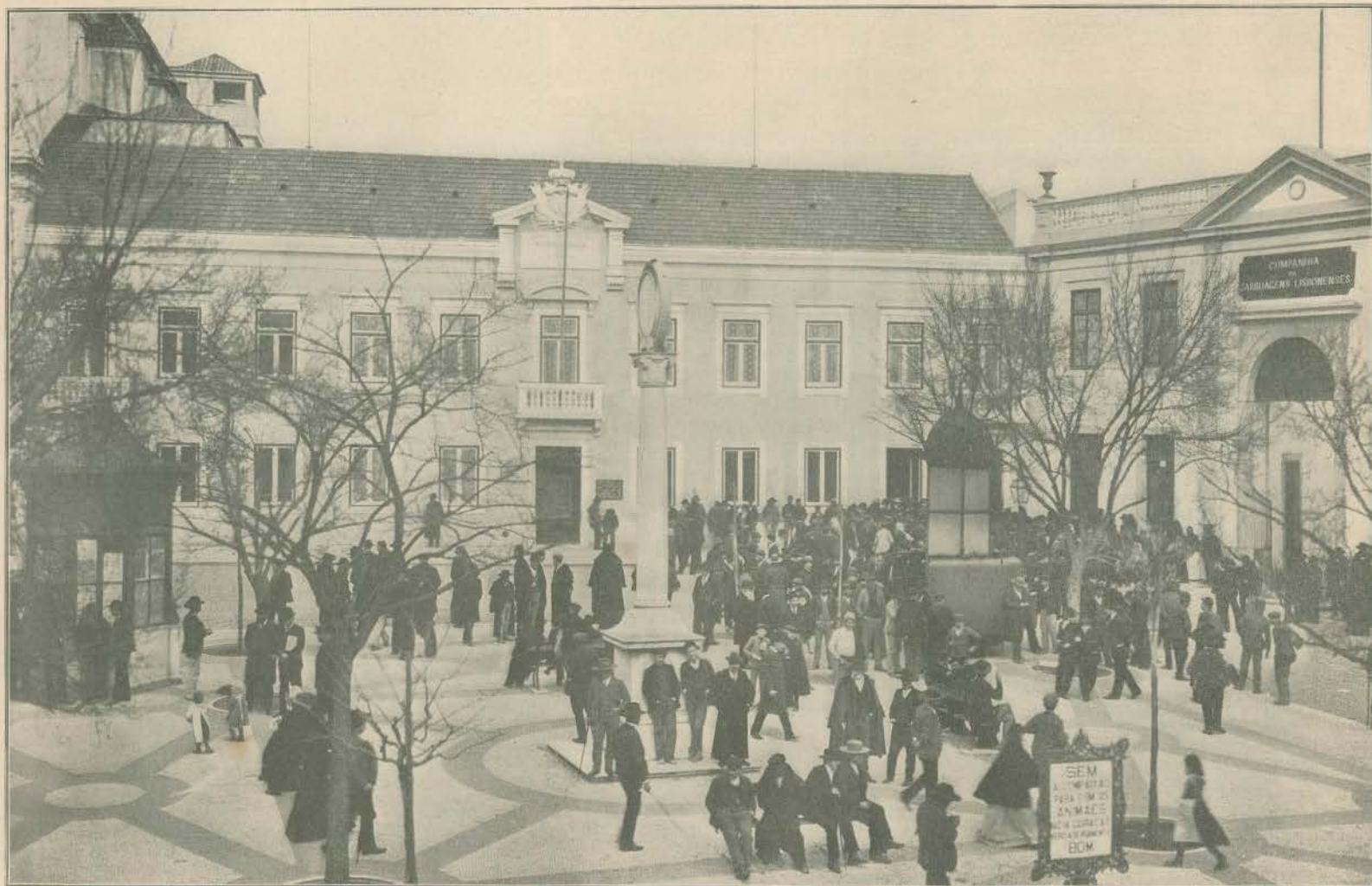
(Reconstrução da scena por apontamentos)

A cidade de Londres entusiasmou-se com um successo em que S. M. o rei de Portugal demonstrou o seu heroismo que teve echo no coração de todos os ingleses e que sensibilizou o nosso país. Escrevem-nos o nosso correspondente especial em Londres:

«O rei o senhor D. Carlos, n'um rasgo espontaneo de valentia e abnegação, augmentou ainda hoje se é possível a grande dedicacão que lhe consagra o povo inglis, salvando talvez da morte duas pobres senhoras e evitando que um agente da

authoridade que as seccorria ficasse esmagado pelo cavallo que pretendia soffocar. O rei passava hoje ao moto dia pelas ruas de Regent Street e Pall Mall quando, ao atravessar a ultima se deu deparou um espectáculo terrivel. Um cavallo desenfreado arrastava em corrida vertiginosa, uma carruagem produzindo diuzas seccoras que gritavam por soccorro. No momento preciso em que o rei presenciava este facto produziu-se um choque violentissimo com outra carruagem e uma das senhoras era expulsa a grande distancia. A outra desmalara. Um policia que se aparrara ás re-

desas do cavallo desbordado fura por este arrastado na corrida e neste esmagado se não fosse a intervenção d'el rei. O senhor D. Carlos não hesitou um instante; com a sua habitual serenidade e dando prova d'um pulso nada vulgar deitou a mão as pernas do cavallo e dominou completamente. Com a mão esquerda levantou do chão o pobre e dedicado agente e dirigindo-lhe palavras de elogio e confyato, seguiu o seu caminho, imperturbavel, para que a multidão não o reconhecesse.



A LOTERIA DO NATAL — UM ASPECTO DO LARGO DA MIZERICORDIA NO DIA DA EXTRAÇÃO

A sorte grande! Foi a preocupação da cidade durante a semana última e por isso o Largo da Misericórdia se enchou de gente, que aguardava ansiosamente o número premiado com as 100 contos. Quando alto sobre a bandeira, correu logo de hora em hora, teve um sucesso, foi falado por toda a parte, galgou os audeares, subiu, atravessou o país como um meteoro d'ouro. O 3305 entrou na cate-

goria dos números lamotais, começou a ser um número de fé e de deslumbramento. Foi comprado o bilhete pelo pessoal de machinas do cruzador S. G. *Apelo*, que actualmente se encontra em Mossamedes, sendo por todos os fogueiros, condutores, machinistas e chegadores constituída uma sociedade cuja ideia partiu do 1.º fogueiro Astocio Roberto Valente. O encarregado de comprar o bilhete foi o sr. Francisco

Netto, também pertencente a guarnição do cruzador e que na hora em que a sorte premiava com 100 contos a sua felicíssima compra, partia de *Andaraé* a juntar-se aos seus companheiros. São 60 homens os da brigada de fuz. do S. *Gabriel*. O cambista que vendeu o n.º 3305 foi o sr. Vierling. Os n.ºs 6782 e 6839 também foram premiados com 30 e 10 contos.



JULIO DANTAS

REGANA
(Augusta Cordeiro)

GONERIL
(Angela Pinto)

DUQUE DE CORNWALL
(Pinto de Campos)

EDMUNDO
(Luiz Pinto)

«O REI LEAR». PEÇA DE SHAKSPEARE EM SCENA NO THEATRO D. MARIA II. TRADUZIDA E ADAPTADA POR JULIO DANTAS—O 5.º QUADRO: NO CASTELLO DE GLOCESTER

O mais novo dos dramaturgos portuguezes d'uma maneira brilhante levou a cabo uma enorme obra que a arte e theatro portuguezes um grande triumpho e que acaba de consagrar Julio Dantas, o ja illustre autor de tantas peças originaes e que o publico acolheu com um agrado sem precedentes. Agora o actor da *Teatro das Caras* e d'iz que nasceu a actor por sua veras habilidades, trabalhadas com a maior arte, com a mais inspirada maneira, essa genial peça *O Rei Lear* onde Shakspeare debaten tantas paixões. E esse encetto d'odes, de raivas, de coleras scaldas, essa terrivel exposição das dores d'um rei abandonado pelas filhas com

quem dividio o seu reino, essa amargura dos annos d'um velho sobrance a caminhar entre o seu sobro e o caralheiro alirado para as solras e tirar uma vida primitiva diante da maldade humana, tudo isso Julio Dantas por um bellos veros onde se sentem essas rajadas de torreira que o actor marcou na peça genial. O trabalho do traductor e por mais uma affirmação de sua enorme talento e que ficará nos fastos do theatro nacional tão assignalada como aquellas adaptações de *Arriano* e do *Tartufo* feitas por Castello. As arrols do empreendimento correspondem a publico e corresponderam os actores do D. Maria que representaram a peça

magnificamente, sobretudo Ferreira da Silva, no rollo rei, Fernando Mala no conde de Kent, Augusto de Mello no Gloucester e Irizalde no Bobo e as actrices Angela Pinto, Augusta Cordeiro e Luz Valioso nas filhas do rei. Pinto Costa, um noro de valor, fez a admiravelmente a parte de rei da France portuguezese a altura da conhaça que a sempreza n'elle doவில் e as assignaladas esse difficil papel.
O scenario de Mouta e um deslumbrante. Augusto Pina tem tambem scenas feitas com verdadeiro movimento.



UMA VOZ QUE NUNCA SE CALA NA MINHA ALMA DIZ-ME QUE ELLE PODERIA SER MEU FILHO

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

«Se tambem o fui, em que póde isso absolvel-o, duque? Para que fallar-me no seu longo exilio, ameaçando-me de voltar para a corte de Vienna? No seu coração magnanimo, persiste ainda a memoria do velho sentimento? A sua voz, como o seu rosto, sempre se transmittiu? A sua voz, como o seu rosto, sempre se transmittiu? De nada vale o saber que elle se arrependeu do rigor injusto com que o tratou! Não se sensibilisa o seu coração, ao pensar que, na hora da desgraça, elle só encontrou um homem digno de o substituir junto de mim, capaz de educar um príncipe e de aconsellal-o com sabedoria e prudencia, para fazer d'elle um bom rei! Não o reconcilia com a sua memoria ultrajada o saber que elle morreu pondo no duque todas as esperanças, e confiando á sua guarda, ao seu amor, á sua experiencia, á sua protecção, o Príncipe herdeiro? Esse tyranno nunca foi para mim um escrivão e aspero! Nunca ninguém, depois d'elle, me fallou com tanta ternura e tanta bondade! Nunca dama alguma da corte teve para mim tantas meiguices, quando era uma criança! Esse tyranno sentava-me nos joelhos e beijava-me as pontas dos dedos! Com as minhas perguntas innocentes, eu fazia rir esse homem que não sorria! Nunca elle teve ironias para mim, duque! As suas mãos de despota eram mais macias a acarinharem-me, do que as mãos de minha mãe! Quando para todos eu era uma criança, já para elle eu era um rei! Porque lhe quer tanto mal, duque? Por uma vida aciosa e indolente, n'um reino pequeno e pobre, elle deu-lhe as glorias da guerra, os prazeres das viagens, a convivencia das grandes cortes da Europa, a amizade dos reis! Porque lhe quer tanto mal, duque?

Lafões arguem a cabeça e ficou aquella criança real, que o censurava.

Doa seus labios pintados de casquilho impenitente fugira o riso ironico. Sob o carmin e os signaes effeminados, o guerreiro intrepido de Maxos, resurgia. A intelligencia e a bondade illuminavam o seu olhar experiente. Todas as grandes virtudes da raça, que pela vasta Europa, ao lado dos maiores reis, lhe haviam assegurado a gerarchia de um grande príncipe, fallavam por elle, na magestade, sem arrogancia, da attitude, no nobre e grave aspecto d'aquelle velho, perfumado como uma preciosa, erecto nos tações escarlates dos seus sapatos com rivellas de ouro.

Durante um instante se demorou o seu olhar triste nos olhos do Príncipe.

— Porque lhe quero mal, Alteza?

É uma torruca quasi lyrica transformava como por milagre essa voz, habituada aos epigrammas e aos galanteios da corte.

— Não é o duque, destituido dos seus titulos, durante vinte e quatro annos desterrado da patria, vassallo e hospede de reis estranhos, que quer mal ao Marquez, Alteza! Não é o neto dos reis de Portugal e dos príncipes de Ligne, o quarto Marquez de Arronches, o sexto conde de Miranda, o trigésimo segundo senhor da casa de Sousa, com mil annos de nobreza e descendente dos godos, quem quer mal ao senhor Sebastião de Carvalho, Alteza! Não é o tio de Sua Magestade a Rainha de Portugal quem quer mal ao conde de Ceiras, Alteza! Em cousa alguma o meu mal querer pode offender o culto de filial respeito, que o Príncipe do Brazil pro-

fessa, com enthusiasmos generosos e juvenis, pelo seu mestre dilecto, Alteza! Foi o Marquez um grande homem de Estado tyrannico e exclusivo, disposto de irresistiveis energias, n'um paiz de otiosidade e de inercia! Foi o Marquez um servidor obediente do seu rei e o curador infatigavel da honra da nação! Foi o Marquez um diplomata sabio, um ministro severo, empenhado em desenvolver as prosperidades do reino e o prestigio soberano de seu monarcha! Foi o Marquez o maior inimigo do obscurantismo e da intolerancia, o salvador mandado pela Providencia para salvar da ruina a nação decadente! Nunca os destinos de Deus confiaram a um tão inflexivel despota uma tão sagrada missão! A tyrannia foi a millo leonada que elle escolheu para gerar todos os beneficos! O terremoto, que tanto serviu á sua grandeza, é o tremendo symbolo da sua obra de governo! Elle foi, como homem, uma grande fora de natureza! Educado na escola politica de Franca, quiz reunir o despoitismo cossaco de Richelieu, a moralidade governativa de Sully, os processos economicos de Colbert e a bellicosa ambição de Louvois! Egual a Luiz XIV um soberano de Portugal, foi o seu devaneo de ministro! Enriquecer um paiz pobre, dotando-o com prosperas industrias, com florescente commercio e uma sciencia nova, foi o seu devaneo de economista! Transformar n'uma nação liberal, á semelhança da Inglaterra, um paiz governado pela intolerancia catholica, explorado pela cupidiz do jesuita e obscurado pela ignorancia do frade, foi o seu devaneo de reformador! Nunca maior homem politico interveio nos negocios de Portugal, Alteza! A embaixada de

Londres preparara-lhe as concepções das grandes nações liberais, dos governos methodicos e conscienciosos, das supremacias commerciaes e do prestígio da dignidade nas funcções do Estado. Durante todo o seu longo governo, elle procurou realisar esse imperio, entrevisto nas lembranças solitarias da embaixada de Londres, e assignellou as industrias, ergueu fabricas, organizou as grandes companhias, emancipou os negros, prohibiu as sahidas do ouro, emancipou os indios, libertou do monopolio da coroa o commercio da India e Moçambique, reformou a instrucção, reformou os costumes, reformou as leis, reformou a administração, reformou as cidades...

— Duque, ninguém melhor o soube comprehender e fazer-lhe o elogio! — interrompeu o Príncipe, enleado.

— Reformou tudo quanto carecia de reforma, Alteza!

D. José repetiu, n'uma convicção calorosa:

— Tudo!

— Se não pondo reformar a sua tyrannia, emendar a sua arrogancia, soffrer a sua vaidade orgulhosa, temperar a sua aspera inveja! — concluiu friamente Lafões, com sobranceoria.

— Porquo me enganou, duque? — quasi gritou D. José.

— A ouvir-lo, eu quasi me esquecia do seu rancor! As suas palavras pareciam a voz do seu pensamento!

— O marquez foi um grande ministro.

— Mas o duque tenta tornal-o pequeno e mesquinho a meus olhos!

— Disse a verdade, que devo a Vossa Alteza e a mim.

— Uma verdade amarga! Quando eu me persuadia de que o duque lhe fazia justiça, as suas palavras oram apenas o laço perfido estendido á minha credulidade!

Lafões sacudiu a cabeça, como para affastar de si a gravidade da offensa.

Sobranceiro o severo, adiantou um passo para o príncipe e disse solenemente:

— A dor de saber que Vossa Alteza maltrata mulheres indefezas era bastante ao meu coração! Escusava Vossa Alteza aggravala com offensas á minha velhice!

D. José crispou as mãos, n'um accesso de colera enraivecida.

— Ignorava que o offenda, duque, recusando o amor de uma aventureira!

— Não me offendeu com isso Vossa Alteza! Se offensa ha, é contra o que a si proprio deve um Príncipe!

— Eu sou um velho quasi do outro seculo, que passou o melhor da sua vida na terra alheia e se educou um pouco ao acaso e um pouco por toda a parte, nos campos de batalha e nas salas de baile, presando sempre, acima das hierarchias e das honras, o que um fidalgo de coração e de espirito deve á mulher. Foi por pensar na macula de amor, que no meu sangue limpo deixou cabir um rei, que tauto me contristou vér a severidade de que usa o biqueto d'esse rei para com uma pobre mulher delicada e indefeza! Eu devo a honra de ser tio avô de Vossa Alteza a um delicto de amor. Entristeceu-me vér no meu sobrinho um coração insensivel! Perdoo-me, Vossa Alteza, a vaidade que eu tinha em pensar que o meu amor e os meus conselhos alguma suave influencia haviam conseguido sobre o coração do Príncipe do Brazil! Toda a minha amargura resumese, afinal, n'uma vaidade desfludida! Os favores e bondades com que Vossa Alteza me distinguia haviam-me trazido illusões, que se desvaneceram! Inutilmente, eu viviora com annos junto de Vossa Alteza! Entre nós ambos está sempre o marquez! Mesmo depois do morte, elle não perdou a influencia! Mesmo no tumulo, elle é despótico! N'essa arrogancia cruel com que Vossa Alteza tratou a pobre condessa de Stephanis, na vaidade com que se orgulha d'isso, Vossa Alteza é o discipulo do marquez! Os vivos não podem lutar com os mortos! Pena é que se tenham demolido os carcereiros da Janqueira! Podia ainda Vossa Alteza, quando Rei, encarcerar-me na cela do bispo do Coimbra ou na do conde de S. Lourenço!

— Duque! — gritou o Príncipe, terrivelmente pallido, deixando-se cabir n'uma poltrona de damasco.

A meio da sala do musico, com egual pallidez, o duque caminhava, n'uma exaltação crescente do delirio.

— Porquo lhe quero mal, perguntava ao Vossa Alteza? Porquo em vid'is me roubou a esposa e já depois de morto me vem rosnar o discipulo! Porquo a sua tyrannia caminhou sobre o meu coração! Porquo o seu stimo de valido se antepoz, como uma razão de Estado, ás lagrimas de uma mulher, que entre todas o meu coração escolheira! Porquo lhe quero mal, Alteza? Porquo, quando olho o Príncipe do Brazil, como agora, uma voz, que nunca se cala na minha alma, diz-me que elle poderia ser meu filho! Porquo quando proscrito os enthusiasmos do Príncipe herdeiro pelo ministro de seu avô, o meu coração tem ciumes d'esse homem morto! Porquo entre mim e os meus amores está sempre Sebastião de Carvalho! Porquo esse morto levou consigo para o tumulo as esperanças da minha mocidade e as consolacões da minha velhice!

— Das lagrimas desceram lentamente pelas faces do duque, que curvava a cabeça, como entorpecido do mostrar esse pranto, durante trinta annos represso.

O Príncipe ergueuse grave e pallido, contemplando aquelle rosto pintado e mosqueado, como o de uma comica italiana, por onde as duas lagrimas desliziavam, amargas e lentas. Os seus olhos não se despropagaram d'ellas, no espanto de as vér n'aquellas faces. A sua memoria evocava aquelle outro homem poderoso e velho, que n'um corredor da Ajuda erguera para elle o rosto afflicto, mollado de dolorosos prantos. Aquelles dois inimigos, que nem a propria morte reconciliara, encontravam-se no seu coração e ali mesmo lutavam



LUÍZ DE MIRANDA

como rivales. Um fóra na infancia o seu mestre; o outro era na adolescencia o seu conselheiro. A sua surpresa em vér chorar o marquez e revivia ao vér chorar o duque. Nunca elle suspeitara a que debaixo do carmin e dos polvillo, sob os velludidos, as rendas e os laços, esse velho philosopho e artista, galanteador e sybarita, escondia um lancinante segredo de amor, e que tivesse sido, quando moço e gentil, o primeiro amor de sua mãe! Os seus olhos não se casucavam do o fiar, como se pela primeira vez o vissem. Assim, durante trinta annos, nas côrtes de França, da Inglaterra e da Alemanha, combatendo os prussianos, cortejando as viennesezes, dissipando a fortuna, elle procurava esquecer a apaixonada princeza, que aos seios de um ministro, receoso de um valido rival, arrebatara ao seu amor! Calando durante trinta annos o o seu segredo, aquelle velho apparecia-lhe como um rei d'estronado e exilado. Era quasi o affecto clandestino d'ele um pae e carinhoso amor com que doado o regresso da Austria o duque o defendia, o elevava na côrte, conquistando-lhe as honras rogatadas ao herdeiro da coroa, sempre o primeiro a distinguil-o, sempre o mais caloroso em elogiá-lo! Agora elle comprehendia tudo! Aquella confissão era uma luz reveladora, que engrandecia a figura cavalheiresca do velho duque. D. José não seia cansado de o contemplar, não sabendo que mais admirar n'ello, se a prodigiosa nobreza do seu coração de u namorado, se a sua heroica resignação na adversidade. E era fóra preciso que as suas palavras imprudentes e ingratas molindressen a chaga occulta d'aquella alma delicadada, para que os seus labios discretos deixassem fugir o o segredo durante trinta annos escondido!

Lafões permanecia silencioso e enrru, olhando as fivellos do ouro dos sapatos. Para sempre, parecia ter perdido o desembarço juvenril, a graça morial, as galantes maneiras com que dissimulava orgulhosamente as ruinas de uma ambição, e que se elevava até ao sceptro, o a desgracia de um amor, que aspirara a um thalamo da rainha.

D. José approxinou-se d'elle a passos lentos, pousou

a mão carinhosa no seu hombro, disse com berrua e respeito:

— Pede-lhe perdão meu tio!

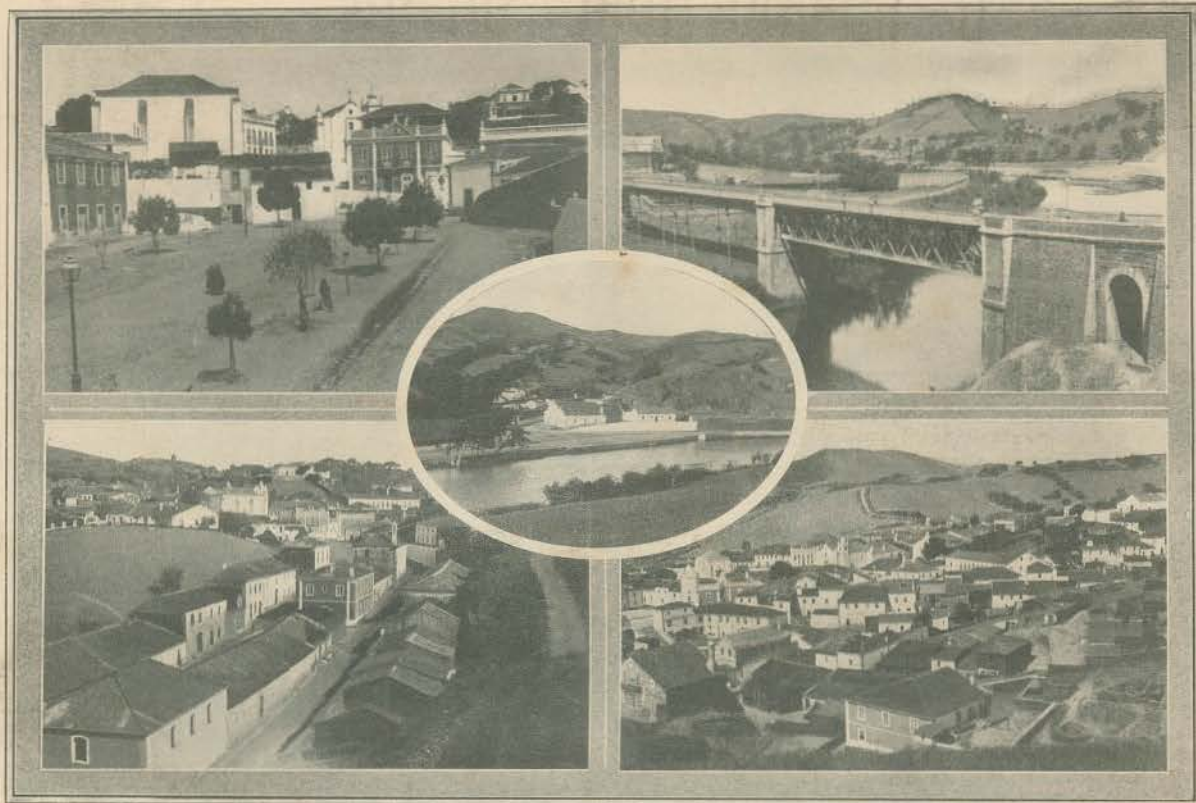
Vagorosamente, Lafões ergueu a cabeça e aprumou sobre os altos tacões á Luiz XV o seu corpo alquebrado. Os seus olhos humidos encontraram o olhar commovido do Príncipe. Então, recuperando subitamente a elegancia e a gentileza, o duque limpou as lagrimas, indignas do guerreiro Intrepido de Maxon, ativeou a sua máscara do ironias sorridentes e disse com gracioso dade:

— E agora peço a Vossa Alteza para que me nomeie embaixador junto da senhora condessa de Stephanis...

— Outra vez a condessa, duque! — exclamou o príncipe, franzindo a fronte.

— É' uma pobre mulher, que a estas horas se desespera e chora!

D. José teve um suspiro triste: — Foi talvez severo, duque! Mas se todos me tratam como se eu fóra uma criança, que qualquer brinquedo de amor ou de vaidade entretém e absorve! Ninguém ainda advinhou que aquelle homem terrivel lançou no meu espirito as seducções do mundo! Ninguém comprehendeu ainda que os brinquedos com que eu sempre sonhei foram uma coroa e um sceptro! Nada me conseguiu distrahir das graves pensamentos com que aquelle homem povouu na infancia o meu espirito! A' medida que fui crescendo, esses pensamentos foram crescendo commigo! A toda a hora ouço a sua voz e d'os ramos: — Ali vai o povo tem fome! — Alteza, a França, a Inglaterra, a Hespanha e a Hollanda cubicam-nos as colonias! — Alteza, nós não temos exercito! — Alteza, nós não temos marinha! — Alteza, o nosso commercio desaparece! — Alteza, o erario está vazio! — Alteza, a ignorancia e o fanatismo estão matando o reino! — Alteza, a egreja está defraudando a realoza! — E essa voz pressegue-me, duque!



ODEIRA

Phot. do sr. Protasio Ferrv.

PRACA DO PRADO—FONTE SOLBE E MIRA—VIAZ E MATA DOUBRO—BAIRRO DO PRADO—VISTA GERAL

Villa da provincia de Alentejo, sede de concelho e de concelho, villa de Lisboa districto a bispo de Beja Odeira, e uma povoação de antiguidade, que data do tempo dos arabes, sendo dos romanos, e que D. Affonso Henriques, tomou aos mouros em 1198. O primeiro feudo foi lido da do por D. Affonso III, em Lisboa, a 25 de março de 1256. A villa teve o nome do rio que a ba- uba: Odeira, que e corrupção de arabes—Wad Kestira do Eoito. Das freguezias lego a villa, que do Salvador e Santa Maria. A villa assenta na foz e conta de tres serras e e cercada por uma serrania que termina a um kilometro de Oeste, onde cubto principium 35 kilometros de char-

area em sitios despojavados, que se estendem ate ao mar. Em luma terra o rio Mira, que nasce na Serra de Caldeirão, banha Villa Nova de Milfontes, onde vai desaguar no Oceano. Odeira possui um importante castello que desapareceu sem deixar restos, e outro tanto sacudido a igreja da Trindade. Ambos estes edificios estavam adossados ao rio. Por unica reconstrução fregu- lhos o nome applicado nos locais que occupam. Odeira tem Misericordia instituida no anno de 1560 na Capella de Espinho Santo, onde fazeissem até 1526, que foi quando se mudou para a igre- ja actual.

CHRONICA ELEGANTE

A nossa presente chronica apparece em plena época de festas de toda a especie, familiares, caridosas, elegantes, festas que dão lugar a exhibições de *toilettes* para visitas, theatros, saraus, época de folguedos para os pequenos que gozam das suas férias mimosados com as conchadas do paes, parentes e amigos, e finalmente pretextos para festas pantagruelicas, com mesas repletas de toda a sorte de requintos culinarios. Polizomito

na nossa bondosa Lisboa os povos não são esquecidos n'esse *mare magnum* do consas boas e toem no mo- nio uma vez no an- no a realisacão do que muitas vezes se- lhes affiguron sim- ples sonhos e phan- tasmias. Ainda para mais, haverá al- gum folla mortal a quem saia a sor- te grande o para quem foi propicia a roda da Fortuna.

S. Carlos já abriu, e n'aquella vasta sala tão ros- quintadamente eleg- gante, apesar da sua antiquada se- veridade, resóam

doliosamente as harmonias do repertorio de opera moderna, alternadamente com as melodias de outrora, que ainda se ouvem com agrado.

Os camarotes enchem-se da flor da nossa aristocracia de sangue e de dinheiro, que ali encontra um ponto de reunião e um pretexto para exhibição de lujuosas *toi- lettes* e de joias deslumbrantes. Fômos ainda do tempo em que se ia para as frizas e primeira ordem de S. Carlos de fato obscuro afogado e collarinho, e recordamos o caso de uma senhora estrangeira que tendo appareci- do n'uma friza em grande *toilette* de baile se viu forçada a retirar para o fundo do camarote, por estar dando

geralmente decantadas nas frizas e primeira ordem. Em noites de gala até na terceira ordem se vê do- cote.

A platela agora tão concorrida do senhoras offerce- tambem brilhante aspecto, porque, embora não seja n'ella usado o decote, sempre se apresenta o traje apu- rado e enfeitado e as inevitaveis *blusas* claras, garrida- mente ornadas, que ali figuram profusamente.

No estrangeiro usa-se bastante um pequeno tocado chamado *chapeutina* feito de fitas, tulle, gaze, ou então de perolas *cabochons* com *ajipretes* em laços de fita, para as senhoras que não gostam de ficar em cabelo.

As guarnições de flores tambem toem o fecho das que se usavam ha uns 50 annos, com tus raminhos que fi- cam atraz das orelhas e um cordão ou passadeira de flores enleando o *chignon*.

Os boas ou *Abols* de pluma são o accessorio das *toilettes* de theatro: são lindissimos e toem o condão de estar sem- pre prontos a abriar á mais ligeira corrente d'ar.

FIG. 1.—*Toilette* de baile e theatro em *mon- seline* de seda branca com *berthe* e punhos de renda sobre fundo de velludo verde.

FIG. 2.—Corpo para theatro guarnecido com uma *berthe* de rosas e botões de rosa. *Cachê peigne* de rosas e folhagem.

FIG. 3.—*Sortie de bal* em setim preto lorrado da soda *Pom- padour* e guarnecida de applica- ções em velludo amarello com lindos borda de or- nativas, a matiz e an- ru.



FIGURA 1



FIGURA 2

Porém o mais interessante foi esta dama continuar a frequentar o Lyrico trajando sempre da mesma forma, por entender, com razão, que esse devia ser o traje proprio para um theatro como S. Carlos; mas tomen a resolução de ficar sempre no fundo do camarote exhibin- do as suas galas só para os felizes *habitués* que tinham o prazer de ir cumprimental-a.

Actualmente as *toilettes* de theatro são apuradissimas, vestidos claros de sedas, setims, velludos, tulle, gaze e



FIGURA 3

O GRAMOPHONE BRINDE 1905



Eis-nos chegados á epoca dos brindes, dos presentes, dos cadeaux, eis que em todos os espiritos existemas mmesmas perguntas: «Que devo offerecer?» «Que poderei eu dar que seja novo, interessante, duradddor e que possa dar prazer sem ser uma coisa banal; e que se torne commum e que seja constantemente uma lembrança graciosa da minha offerta!»

Offerecendo o um Gramophone sereis festejado cordialmente, sereis o generoso amigo, bem recebido sempre e sempre desejado, porque fizeste um presente que dá prazer constantemente. O Gramophone é um presente que se póde offerecer a todos: aos rapazes cujas aspirações artisticas despertam, qque procuram aprender e que poderão desde logo conhecer as grandes paginas musicaes como as de Pugno, Grieg, Kubelik e de todos os celebres virtuosos; á mãe de familia que terá nas suas reuniões concertos encantadores, e destrairá assim as suas visitas educando-lhes ao mesmo tempo o espirito; ás meninas que tornarão artisticos os seus «five o'clock» e farão que as suas festas sejam as preferidas pelas suas sympathias e pelas suas amigas que poderão facilmente ouvir os seieus artistas mais preferidos.

Offerecer um **GRAMOPHONE** é chic, é elegante,
é o **BRINDE** mais gracioso para 1905

EXTRACTO DE ALGUNS ATTESTADOS:

- Sarah-Bernhardt** — Non l'écho de la voix, mais la voix elle même.
- Jean de Reské** — Reproduit la voix humaine á la perfection.
- Paul Monnet** (de la Comédie Française) — Surpasse tout ce que l'imagination peut concevoir.
- Adelina Patti** — En écoutant les disques de Caruso e de Plançon, il me z semblaient que ces artistes chantaient actuellement dans mes salons.
- A. Affre** (de l'Opéra) — Sonorité, puissance, timbre, tout est absolument rendu.
- F. Gémier** — Que les directeurs de théâtre l'écoutent et l'emploient.
- Aino Ackté** (de l'Opéra) — Désormais nous vivrons parmi les générations, puisque notre úmo leur parlera.
- Coquelin Cadet** (de la Comédie Française) — La foi de m'entendre.



- F. Litvinne** (Soliste du Tsa) — Transmet la voix d'une façon si fidèle.
- Segond Weber** (de la Comédie Française) — En tous points parfait.
- F. Deblmas** (de l'Opéra) — Instrument absolument complet et parfait.
- Yvette Guilbert** — Remplace véritablement le meilleur orchestre.
- J. Notté** (de l'Opéra) — Seul capable d'enregistrer avec la perfection la plus absolue la voix des artistes.
- J. Ricctus** — Sonorité, clarté, point de nasilement habituel á ces sortes d'instruments, c'est tout-á-fait merveilleux.
- De Máx** — Nécessité de cet instrument dans les théâtres.
- Madaame Marchesi** — Comble une lacune dans l'histoire des arts. Désormais les émotions artistiques pouvant se reproduire á l'infini, seront léguées aux futures générations.
- Fern. de Lucia** — M'a fait écouter ma voix avec toute la fascination d'un beau chantant italien.
- E. Reyyer** — L'illusion complet de la voix humaine.
- Massenet** — Le Gramophone m'a totalement ravi.
- Leonocavallo** — J'ai cru, restant dans une chambre á côté, que vraiment Caruso étrait lá avec sa voix divine pour me chanter *Ridi Pagliacco*.

GRAMOPHONES DE LUXO
DISCOS NOVOS

A VENDA NA COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE-RUA GARRETT, 47, 2.

A. VIEIRA DA SILVA - ALFAIATE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem



NESTLÉ
FARINHA LACTEA

VEIGA & C.ª
Saccam sobre o Banco
Alliança do Porto e seus
Correspondentes e Agentes
em Portugal, Ilhas, Hespá-
nha, Italia, Paris e Londres.
104, Rua do Rosario-RIO DE JANEIRO

VITALOL
O MELHOR DIGESTIVO - TONICO - NEVROSTHENICO
A clinica — o superior
trabalho de accao —
seu característico e valor
curativo de VITALOL, e das
medicinas sobre as perlas
de fisiologia, Tubercu-
lose — Diabetes — Depres-
são — Nevroses — In-
stabilidade geral — Sene-
scença — Cancro phisico e
intellecual — Agendia —
Epilepsia — etc.
DEPOSITOS
Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Drograria America
E EM TODAS AS BUAS PHARMACIAS

UMA SENHORA
Offereço-se para indicar gratuitamente a todos os que so-
frem de debilidade geral, marasmo, prostração, vertigens,
anemia, palpitações, enfermidades nervosas e atonicas, um
remedio maravilhoso que uma casualidade lhe deu a conhe-
cer. Curada pessoalmente, assim como numerosos enfermos,
depois de usar em vão todos os medicamentos preconizados,
em signal de reconhecimento eterno a como um dever de
consciencia, de hoje esta indicando, cujo proposito, puramen-
te humanitario, e a consequencia de um voto. Escrever a
Carmon Garcia y Gonzalez, Aribau, 24, I.ª, Barcelona, (Espanha).
Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Acto de publico: — Desde 1.º de Janeiro de 1904 esta posta em vigor a tar-
ifa superior maxima de 7 de agosto de 1903 — Bilhetes de Via e Volta a
preço reduzido — em todas as classes de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, comprehendendo a
estação de Ponta Delgada dos Caminhos de Ferro de Ponta Delgada. Nova es-
tação desta companhia — desde 1.º de Janeiro de 1904 — e de 1.ª classe a 1.ª
classe de 1.ª classe. — Lisboa, 15 de dezembro de 1903 — O Director geral do Cam-
pinha e Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, N. de Carvalho.



Perla Thesouro do Estomago PREPARAÇÃO DE
LUIZ DIAS AMADO PHARMACEUTICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
GRANDE EXITO!
Este preparado não contém neither algums nem radicalmente todos os doentes do estomago. Pella virtude
que o seu mecanismo funda-se para a acção dos melhores medicinaes que tem o laboratorio ha
sua compozição e ha seus efeitos mais do que curando os seus doentes e melhorando a coacção, des-
prezando os doentes do estomago logo que se toma a primeira dose. As doencas e os seus doentes desapparecem com
a sua accção, facilitando a funcção dos fermentos digestivos, a digestão normal, melhorando a absorção
de todos os alimentos nutritivos e tornando appetitivo a pessoa. Apresentando as suas, a phormacologia
publicando as phormas, torna-se appetivo. A phormologia torna a digestão normal, melhorando a absorção
de todos os alimentos nutritivos. A **Perla Thesouro do Estomago** tem um grande exito em todos os doentes do
estomago, em todas as classes, em todas as phormas, em todas as phormas, em todas as phormas. Tem
um grande exito em todos os doentes do estomago, em todas as classes, em todas as phormas, em todas as phormas.
PERLA THESOURO DO ESTOMAGO — Das 1.ªs phormas de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª e seguir a
sua phormologia em todas as phormas de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª.
PREÇO DO FRASCO 1\$200 reis
Deposito geral: Pharmacia Diaz Amado - 50, Rua do Carmo, 52 - E em todas as phormarias de prest.



— Comer e beber
com os COMENSA-
es PICKLES de
Lopes,
Coelho
Dias
& C.
MATAJOS PORTUGAL

NATAL
DE 1904!
Temos a honra de participar a
todos os nossos estimados frequen-
tes e gentes frequentes que in abren-
das e festas expozição do **NATAL**
DE 1904, com um sortimento vari-
avel de brinquedos e brinquedos
para presentes de toda a especie,
tendo variedade no objecto para
celebrar a arvore do Natal,
BRINDE!
A todos os sortidos que durante o
voto nos nos commo um par de
toys, offerecemos com imoio um
brinde de assento de todos os toys.
BRINQUEDOS
ARVORE DO NATAL
A todos os sortidos, um dos
commodos brinquedos e alguns para
celebrar a Arvore do Natal, offerecemos
com imoio um grande brinde e que
**Afonso de Pinho
& Coelho da Silva**
CASA DE NOVIDADES
145, RUA DO OURO, 149

VINHOS ESPUMANTE
ASSOCIACAO VITICOLA
DA
ARREDO
AGENTES
EM LISBOA: SANTA BARBARA & ALFAIATE



CASA AMIEIRO, SUCCESSORES
Telephone, 1110 **ATELIER DE ALFAIATE**
A. C. LOPES & C.ª
CONFECCOES PARA HOMENS E SENHORAS LISBOA 55, Rua Ivens, 57, 1.º